

COLÉGIO SANTA CLARA

Estudo do Meio Ubatuba/ Paraty



7º ano B

São Paulo

2015

Colégio Santa Clara

Diário de Viagem Ubatuba/ Paraty

Trabalho desenvolvido pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que compõe uma das produções feitas a partir do estudo do meio realizado em Ubatuba e Paraty, em maio de 2015.

Professores responsáveis pela produção e revisão textual:

Maria Helena Almeida, Regiane Boainain, Shirley Santos, Vera Mortari

Professores Colaboradores: Ademar Pozzer, Luciane Rosenbaum, Renata Perche e Vanessa Queiroz – nosso obrigado pelos momentos concedidos de suas aulas para nossa produção.

Edição gráfica final: Ana Claudia Loureiro

São Paulo - 2015

Aldeia Boa Vista

Catarina Coimbra Serra Gosson Jorge
João Guilherme Bertolozzi Barbieri
Júlia Maluceli Alves da Silva
Mariana Ayumi K. Dytrich
Rafael Manzutti Soraggi
Sofia Zucchi de Souza
Vinicius Vieira Francisco

11/05/2015



Segunda feira. Mostrava-se um dia ensolarado, mas, as aparências enganam. Estava muito frio e coitado das pessoas que estavam sem agasalhos. Mais ou menos às 7h15 entramos no ônibus da ATM, a empresa que nos levou para Paraty (RJ) e Ubatuba (SP).

A marginal estava tranquila, sem trânsito, porém o cheiro do Rio Tietê era insuportável, sorte que passamos rapidinho por lá.

Algumas horas depois nós chegamos a uma lanchonete chamada Vaca Preta. O cheiro da comida era delicioso, dava vontade de comprar tudo, mas infelizmente, era tudo muito caro. Até algumas pessoas saíram sem consumir, absolutamente, nada.



Estrada de Ubatuba
Foto tirada por Sofia Zucchi

Saindo de lá nós seguimos viagem. Algumas pessoas escutaram músicas, conversaram, ou até dormiram. Depois descemos a Serra do Mar, ela é uma área protegida pelo Parque Estadual da Serra do Mar (P.E.S.).

Chegamos a Ubatuba (no centro). O dia estava lindo, a nossa direita, estava a praia com dois sóis; um no céu, e outro refletido no mar. Na areia, algumas aves descansavam. A nossa esquerda, estavam casas pequenas e coloridas, algumas lojas e alguns moradores fazendo suas rotinas.



Centro de Ubatuba
Foto tirada por Sofia Zucchi



Praia de Ubatuba
Foto tirada por Sofia Zucchi

Depois de uns 10 minutos, chegamos ao restaurante chamado Raízes. Os sétimos anos, das classes B, C e D desceram e foram sentar nas mesas. O cheiro da comida deliciosa invadiu nossos corpos. Estávamos loucos de fome, depois de ficarmos horas e horas no ônibus. Enchemos nossos pratos com arroz, feijão, carne, peixe, macarrão, hummmmm! Que delícia! O restaurante

era uma graça, tinha vista para o mar e para a cidade, ele era feito de madeira e tinha Wi-Fi.

Depois de um tempo, nós voltamos para o ônibus e partimos para a Aldeia Boa Vista. A estrada estava lotada de mata, de montanhas, vários animais, a vista era bela e, lá de cima, em alguns pontos, conseguíamos ver o mar, aquela imensidão azul que até parece ser um lençol infinito. Mas, quando vimos a trilha que iríamos subir, nós não acreditamos. Nossa árdua batalha estava apenas começando.

Descemos do ônibus em direção à trilha, passamos bastante repelente porque os mosquitos estavam famintos pelo nosso sangue. O chão estava barroso, tinha chovido no dia anterior, e todos estavam trabalhando duro para carregar suas mochilas com equipamentos de fotografia e vídeos, material de anotação e garrafas d'água, porque iríamos precisar. E, além disso tudo, ainda precisávamos nos equilibrar para não escorregar e cair nas pedras. Sorte que os meninos deram uns de cavalheiros e levaram algumas malas das meninas; alguns cobrando, outros não. De vez em quando, os monitores nos paravam e explicavam a história da fauna e da flora da trilha no meio da Mata Atlântica, captando toda a nossa atenção. A subida era longa e bem íngreme, estava bem úmido, então podíamos sentir bem o cheiro de mata. Por sorte haviam árvores de até 40 metros de altura, então elas nos protegiam do sol quente.

Quando chegamos à Aldeia (localizada em Prumirim, Ubatuba/SP), percebemos que toda a subida tinha valido a pena, até os tombos. Percebemos que o nome Aldeia BOA VISTA não tinha sido dado à toa, pois, literalmente, o nome era ao pé da letra. A cena era inacreditável, uma cena tirada de um filme. Casas com índios nos observando com suas expressões curiosas, apesar de já estarem acostumados a receber várias visitas. A paisagem era totalmente diferente do que esperávamos; afinal, esperávamos um lugar com ocas de palha igual ao filme "A missão", que vimos nas nossas aulas de Geografia, mas não. Era tudo de alvenaria, igual à Toca da Raposa, uma aldeia de índios que conhecemos no quarto ano.



As duas fotos representam a entrada da Aldeia Boa Vista. Na primeira foto, podemos observar a escola da Aldeia. Na segunda, foto do Posto de Saúde.

Foto tirada por Sofia Zucchi

Na aldeia Boa Vista há menos de duas décadas atrás não tinha escola, nem Posto de Saúde ou energia elétrica. Imagina viver uma vida assim?! Com uma ajuda da prefeitura de Ubatuba e do governo do Estado de São Paulo, conseguiram uma escola que vai até o nono ano do Ensino Fundamental II, um Centro de Saúde e painéis solares para a energia de algumas casas.



Aldeia Boa Vista
Foto tirada por: Sofia Zucchi

Na aldeia, habitavam no total duzentas pessoas. No início da formação da aldeia havia quatro famílias, agora são por volta de quarenta e sete.

Assim que chegamos, um indígena chegou para nos conhecer, nosso guia era o José. Nós o seguimos em direção a uma casa que pensávamos ser uma simples construção, mas ele nos informou que era a Casa de Reza.

Dirigimo-nos para a Casa, onde lá dentro descobrimos o seu nome, vindo do guarani, Opy. O ar dentro era denso e úmido, com apenas uma pequena tímida lâmpada para iluminar e conseguirmos, ao menos, ver algo. Sentamos em bancos de madeira, outros já sentavam no chão.

Fomos informados logo ao pisar na Opy que não poderíamos filmar ou tirar fotos, o que foi uma perda, mas aquela linda casa sempre estará em

nossas mentes com seu espírito vívido. Pelo menos poderíamos gravar o áudio, pois, José nos daria uma palestra onde descobrimos muito mais sobre a sua cultura. Ele nos explicou com a maior humildade que o dinheiro não era algo necessitado pela comunidade, que me lembrou de um dito “as pessoas sabem o preço de tudo, mas o valor de nada”, mas é claro que esse tipo de pensamento é uma para a maioria das sociedades, pois não se importam com o preço, mas sim o com o seu valor.

Não existe aluguel. O dinheiro que eles recebem com o seu artesanato é compartilhado com todos, assim como os alimentos. Como na sua cultura e na de seus ancestrais, eles moram todos juntos na Aldeia, mas cada família possui a sua casa. Ainda mantem de sua cultura tradicional suas cantorias, danças e parte de sua religião.

Escutamos por José que os adolescentes de hoje em dia não são como os de antigamente, antes eles eram a favor das suas tradições, da religião. Já hoje em dia, eles se entregaram ao mundo tecnológico, não sendo tão próximos das tradições.

Ele também nos contou uma lenda que falava que haveria um dilúvio em sua terra, mas antes de tudo ser inundado um indígena atravessou o oceano com seus próprios pés, sendo assim, nunca houve um dilúvio, e todos poderiam viver as suas vidas em paz.

Nosso guia, José, chamou os mais novos para a dança. Começaram com o som do violão, acompanhado pelos pés e o tambor, fazendo uma composição harmoniosa. Logo em seguida, eles deram início aos cantos, e mesmo não sabendo as letras da música, ou o que eles falavam, a gente sentia tudo de uma vez, como adormecer, devagar e, depois, tudo de uma vez acontecia, demonstrando tanta intensidade. Cada voz, uma mais angelical do que a outra, a cantoria os deixavam mais próximos do seu estado espiritual, era uma espécie de reza. Todas aquelas vozes juntas fazia todos nós, pelo menos a maioria, sentir um calor inconfundível por dentro, parecendo queimar os nossos pulmões, a falta de ar com a beleza, um arrepio pelos nossos braços, amávamos aquele sentimento.

Após a música encerrar, todos aplaudiram de um modo verdadeiro, com sorrisos estampados nos rostos, criando uma iluminação no local, foi realmente emocionante, algo que sempre lembraremos. A lâmpada tímida não era mais a única que iluminava a casa.

Mas aquele não era o fim do nosso turismo pela Aldeia Boa Vista, ainda tínhamos muito para ver, muito a nossa espera, e bastante para andar, coitados dos nossos colegas que ficaram para trás.

Fizemos muitas compras, vimos muitas pessoas indecisas, falando coisas desse gênero: “E a minha mãe, eu compro o que para ela?” “Assim, eu gasto tanto aqui, e depois sobra... Meu Deus! Não tenho dinheiro!” “Você sabe quanto custa, deixa pra lá, a moça sabe... Moça!”.

Após as compras, refizemos todo o caminho de volta para o ônibus, escutando os nossos colegas que ficaram para trás cantando uma música esquisita no fundo dos seus pulmões, eles estavam gastando energia. O que queríamos era chegar ao ônibus, tomar uma água fresquinha e nos espreguiçar nos assentos. Pra nossa grande sorte (só que não), começou a chover, e os pingos da água da chuva eram grossos, quando atingiram nossos corpos sentimos o frio que ele trazia. Como não somos bobos, tínhamos as nossas capas de chuvas, a pegamos rapidamente e as colocamos em cima de nossas mochilas para não molhar os nossos eletrônicos e blocos de anotação.

Chegamos ao ônibus e tivemos que ouvir uma explicação, que, para sermos sinceros, não escutamos por estarmos muito cansados.



Passaram-se algumas horas, chegamos a Paraty na Pousada da Condessa, onde nos hospedaríamos. Ela era linda e tranquila, não era um prédio, eram chalés, também havia um refeitório em frente dos quartos e víamos a piscina transparente, que apenas dava vontade de cair de cabeça. Tinha um lounge onde ficávamos conversando bobagens... Finalmente, poderíamos descansar.

Centro Histórico de Paraty

Helena Campos

Gabriel Leitão

Maira Cavenaghi

Maria Júlia Garcia

Pedro Junqueira

Rafael Lima

11/5/15- (Dia da chegada a Paraty)



Nesse dia saímos da escola ansiosos com a viagem, que faríamos para Paraty (RJ) e Ubatuba (SP). Vimos a Aldeia indígena Boa Vista e aprendemos sobre uma cultura muito rica e interessante, além de fazer exercício físico com os 2 km de trilha para a aldeia e comprar artesanatos fantásticos. Ficamos encantados, e alguns, até se comoveram com a dança típica que os índios apresentaram na casa de reza (Opy).



Localização de Paraty e de Ubatuba

Google Maps: <https://www.google.com.br/maps/place/Paraty,+RJ/@-23.1416425,-44.6958122,11z/data=!3m1!4b1!4m2!3m1!1s0x9d0e3c6b68b491:0xf487f3dc51dc2b94>

Depois, tivemos uma oficina de construção de barcos de madeira caixeta com um caixara. Pudemos pintar os barcos do jeito que queríamos, fazendo barcos muito bonitos e coloridos, cada um com seu jeito de ser!



Barquinho de madeira caixeta pintado por Maira
Foto: Maira Cavenaghi

No dia seguinte, a excursão era para o Centro Histórico, e na nossa cabeça criávamos uma imagem do lugar que ainda não conhecíamos. De noite, compartilhamos nossas ideias. Rafael pensava que teria uma fonte no centro do Centro Histórico. Pedro imaginava que teria carros e que precisaríamos andar na calçada. Helena esperava que tivesse várias crianças brincando e pessoas conversando na rua. Maju pensava que o Centro não abrigava muitos aspectos coloniais e que seria longe do hotel. Gabriel especulava que seria parecido com Olinda, centro histórico que já havia visitado. Maira tinha a ideia que seria bonito, mas pequeno; também achava que seria parecido com Olinda.

Nós revimos algumas pesquisas que fizemos sobre Paraty. Havíamos lido que a origem do nome Paraty tem várias versões. O geólogo e historiador brasileiro Teodoro Sampaio diz que significa jazida do mar, golfo. Fala para não confundir com Parati, tipo de peixe comum na região.

Existe também uma lenda para explicar o nome Paraty. Nela, fala que Deus estava distribuindo terras para todos os santos. “E eu?”, perguntou o satanás. Deus respondeu: “essa aqui é para ti.”. A terra que Deus teria dado para o diabo seria Paraty.

Outros historiadores acreditam que o nome da cidade se originaria do nome do peixe, outros que seria “viveiro de peixes”. O tupinólogo (quem estuda tupi-guarani) [Eduardo de Almeida Navarro](#) aponta o significado de "rio dos paratis", pela junção de *parati* (parati) e 'y (rio).

A primeira citação do nome Paraty foi em 1596, quando passou por lá a expedição de Martin Corrêa de Sá vinda do Rio de Janeiro com mais de 2700 homens (quanta gente!), entre eles índios e soldados indo para a Região do Vale do Paraíba buscando mais índios para escravizar. Na Carta Régia de 28 de fevereiro de 1667, Dom Afonso VI reconheceu o território com o nome de Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty.

Paraty foi uma cidade planejada por engenheiros militares portugueses, que sabiam da vocação portuária da cidade e da necessidade de defesa do local. Eles definiram como seriam as ruas e onde ficariam as igrejas, praças, etc. Paraty foi feita parecida com as cidades portuguesas. As preocupações em como as cidades ficariam acontecia por causa da valorização do Brasil por Portugal e pelas ameaças holandesas sobre as cidades coloniais, que se tornaram mais evidentes depois da invasão de Salvador, em 1624. A presença de engenheiros militares estava relacionada ao planejamento urbano, as ruas e as fortificações das cidades, principalmente litorâneas. Exemplo de ter engenheiros militares na construção de Paraty: fato de as ruas serem tortas para ser mais difícil invadir, pois não dava pra ver se tinha alguém na próxima esquina. Paraty poderia ser invadida pelos holandeses, franceses e ingleses que queriam tomar as colônias que Portugal e a Espanha tinham na América.

As casas foram construídas acima do nível da rua por causa da invasão das águas do mar, que entravam e limpavam a cidade, principalmente dos estrumes de animais de cargas que andavam pela cidade, além de dejetos humanos, pois até o século XIX, não havia saneamento básico em Paraty, então, as fezes e urinas humanas eram jogados pelas janelas das casas! Quando a maré subia, invadia a cidade e “limpava” as ruas. Que nojo!!! Já pensou se caísse na sua cabeça?!

Em 1799, a Câmara Municipal definiu que as novas edificações deveriam ter na sua fachada dezessete palmos e meio de altura (ou 1,778 metros) e as portas onze palmos e meio com cinco de largura (ou 1,1684 metros), além de vergas (parte superior do batente) circulares. Quem descumprisse era multado.

Paraty teve um grande desenvolvimento com a descoberta de ouro na região das Minas Gerais. Em 1702, o governador da capitania do Rio de Janeiro determinou que as mercadorias somente poderiam ir de Minas Gerais para o Rio de Janeiro pela antiga trilha indígena, agora pavimentada com pedras irregulares, que passou a ser conhecida por Caminho do Ouro (tem esse nome, pois o ouro, como dissemos anteriormente, passava lá). Esse caminho passava por Paraty, tornando o local, um importante entreposto comercial, por ser uma cidade portuária, onde as riquezas seriam escoadas para a metrópole, que era Portugal.

A exportação do ouro caiu no meio do século XVIII, e isso mais a proibição do transporte de ouro pela estrada de Paraty, fez com que a cidade fosse perdendo importância. Paraty deixou de ser uma importante cidade portuária. A construção da ferrovia no Vale do Paraíba fez com que o ouro de Minas Gerais fosse deslocado, não mais por mulas, um modo cansativo e demorado, mas através dos trens que ligariam São Paulo e Rio de Janeiro, um modo muito mais rápido e fácil.

Com o Ciclo do Café (a partir do século XVIII e com o apogeu no século XIX), a cidade tem, por um pequeno tempo, sua importância novamente.

A iluminação elétrica chegou apenas em 1928. Antes disso, a cidade era iluminada por lampiões com óleo de baleia!!! Alimentos também eram deixados na banha. Coitadas das baleias!!! Não é a toa que estão em extinção!

A cidade e o seu patrimônio foram redescobertos em 1964, com a reabertura da estrada que ligava a cidade ao estado de São Paulo (Paraty-Cunha), virando uma cidade turística. Em 1958, o conjunto histórico de Paraty foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O turismo aumentou com a abertura da Rio-Santos (BR-101) em 1973. Com a BR-101, finalmente a cidade volta a ser um atrativo econômico, não como cidade portuária, mas como uma importante cidade turística, pela facilidade do acesso e por ser considerado um patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Patrimônio Histórico pode ser definido como um bem material, natural ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade. Estes patrimônios foram construídos ou produzidos pelas sociedades passadas, por isso representam uma importante fonte de pesquisa e preservação cultural.

Há uma preocupação mundial em preservar os patrimônios históricos da humanidade, através de leis de proteção e restaurações que possibilitam a manutenção das características originais.

Mundialmente, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação) é o órgão responsável pela definição de regras e proteção do patrimônio histórico e cultural da humanidade. No Brasil, existe o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Este órgão atua, no Brasil, na gestão, proteção e preservação do patrimônio histórico e artístico no Brasil.

Quando um imóvel é tombado por algum órgão do patrimônio histórico, ele não pode ser demolido, nem mesmo reformado. Pode apenas passar por processo de restauração, seguindo normas específicas, para preservar as características originais da época em que foi construído.

Dia 12/5/15- (Dia da ida ao Centro Histórico)

Acordamos bem cedo às 6:30 da manhã, com muito sono, pois ficamos conversando com nossos amigos até tarde, empolgados em contar sobre o que houve no dia anterior. Tomamos o café da manhã, que estava muito delicioso, com pão quentinho, queijos, sucos, huuuuuuuum!! Só de lembrar já da água na boca! Brincamos com o Zacarias, o cachorro que adotamos, e saímos do hotel às 9 horas.

Conhecemos a guia Sibeles, que nos guiaria ao belo Centro Histórico de Paraty, localizado no estado do Rio de Janeiro.



Guia Sibeles
Foto: Maira Cavenaghi



Mapa do Centro Histórico de Paraty

Paraty.com.br: http://www.paraty.com.br/centro_historico.asp

Segundo Teresa Barata Salgueiro, “os Centros Históricos além de serem as partes mais antigas da cidade, são testemunhos de várias épocas, monumento que nos traz vivo o passado.”.

Os Centros Históricos são cidades ou outros lugares urbanos de interesse histórico com valores culturais, históricos, arquitetônicos, urbanísticos, ou simplesmente afetivos, cuja memória importa preservar.

Fomos a pé para o centro e, mesmo antes de chegar lá, a beleza colonial já podia ser percebida. O sol estava radiante sem nuvens no céu. Passamos ao lado do pequeno rio que existe na cidade, pudemos perceber muita simetria e lindeza, com reflexos no rio parecendo pinturas, cujo artista foi a Natureza, além de muitos coqueiros. Vimos que o Centro Histórico era perto do hotel, tão perto, que dava para ir a pé. Passamos pela ponte e, finalmente, chegamos ao centro.



Indo para o Centro
Foto: Maira Cavenaghi

Lá vimos o famoso calçamento chamado Pé-de-Moleque.



Calçamento Pé-de-Moleque
Foto: Maira Cavenaghi

Havia escravos no Brasil até 13 de maio de 1888, quando houve a abolição da escravidão, com a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel. Os escravos colocavam pedras de diversos tamanhos e formatos para calçarem as ruas e os filhos desses escravos iam acertando as pedras com os pés, daí o nome desse tipo de calçamento, conhecido até hoje, por pé-de-moleque. Hoje, diferente de antigamente, o trabalho infantil é proibido. Mas, mesmo sendo ilegal, ainda existem crianças trabalhando em, por exemplo, bufês e lavouras. No Brasil, Segundo a reportagem da Folha de São Paulo em 16 de junho de 2015, 3,2 milhões de menores de 18 anos trabalhavam em 2013, ou seja, 7,5% dos menores.

Muitos afirmam que as caravelas vindas de Portugal, que colonizou o Brasil a partir de 1500, traziam em seus porões lastro de pedras -material pesado, nesse caso pedras, posto no porão de um navio para dar-lhe estabilidade e equilíbrio. Esse lastro era desembarcado em Paraty e no seu lugar ia o ouro ou o café e essas pedras portuguesas foram utilizadas no calçamento das ruas, apesar de não haver registros históricos nem estudos geológicos que comprovem essa hipótese.

O calçamento das ruas de Paraty com pé-de-moleque começou no século XVIII, graças ao desenvolvimento trazido pelo ciclo do ouro (ciclo do ouro foi um ciclo econômico, ou seja, quando toda, ou grande parte da economia gira em torno daquela atividade, que iniciou no século XVII e teve seu apogeu no século XVIII). Atualmente, a maior concentração de empregos do Brasil é o setor terciário, ou seja, comércio e serviços. Mas foi a riqueza gerada pelo ciclo do café (ciclo econômico que teve seu início no século XVIII e seu apogeu no século XIX) que terminou por calçar todas as ruas. As pedras eram necessárias porque as tropas de mulas, carregadas com ouro ou café, faziam grandes atoleiros nos dias de chuva e nuvens de poeiras nos dias de sol. O calçamento de Paraty é original e até 1980 estava em perfeito estado, com as pedras alinhadas e todas na mesma altura. Mas, retiraram as pedras para a construção da rede de esgoto, e ao colocarem de volta, não o fizeram corretamente (e também não terminaram o sistema de coleta e tratamento de esgoto).

Vimos muitas casas coloniais lindas (Período Colonial: 1530 até 1822), iguaizinhas e bem conservadas e pintadas de branco com janelas e portas coloridas, formando uma bela combinação, diferente de outras cidades coloniais, onde as janelas e portas eram azuis. Ficamos encantados! As portas e janelas são grandes e altas para facilitar a ventilação e a iluminação natural, pois não havia energia elétrica na época da construção. A maior parte das construções do centro histórico de Paraty foram construídas em meados do século XVIII até a segunda metade do século XIX.

Na época colonial, as casas eram brancas, caiadas (pintadas) com cal, feito pelo esmagamento de conchas do mar, fáceis de serem encontradas em uma cidade litorânea como Paraty.

As construções ficavam alinhadas à rua e eram geminadas (grudadas umas nas outras), fazendo um corredor de casas semelhantes. A maior parte das casas era térrea, com o andar de cima construído muito tempo depois. Encontramos a hipótese de que a construção até os limites laterais dos lotes, ou seja, grudando a casa na casa vizinha, aumentava a estabilidade da construção e a proteção contra a chuva. Os materiais de construção eram precários e não havia a mão de obra especializada. Outros dizem que era porque barateava as construções. Existiam outras explicações: facilidade de proteção militar e estímulo da Igreja Católica e do rei de Portugal para que as pessoas se vigiassem mutuamente e fizessem denúncias quando chegassem às visitas do Santo Ofício (Inquisição) à cidade. Ainda há outra explicação: as casas coladas umas as outras daria mais segurança, sendo mais difícil achar uma “brecha” para conseguir invadir.

Na época colonial, sobrados eram um sinal de riqueza. O sobrado sendo uma edificação de dois ou mais pavimentos era destinado às famílias mais abastadas, apresentando um pouco mais de refinamento que as casas térreas, como o piso assoalhado. As casas térreas eram construções simples com poucos cômodos e chão batido. Nos sobrados a parte inferior, normalmente, era utilizada para o comércio. A elite local morava nas fazendas, principalmente de cana de açúcar, o que era comum no Brasil Colonial.

A arquitetura local possui construções com muitas portas, o que é funcional para o comércio, uma das principais atividades econômicas da cidade, na época colonial. Em Paraty as principais atividades comerciais eram, o comércio de escravos e as atividades portuárias.



Casa colonial
Foto: Maira Cavenaghi

Emocionamo-nos com a beleza do centro, onde apenas carros autorizados podem passar, pois as ruas estão fechadas por correntes desde 1970, impedindo a entrada de veículos pelas ruas de pedras. A proibição da entrada de carros não autorizados no Centro Histórico acontece, pois o trânsito intenso de veículos prejudicaria a conservação do local e como já vimos anteriormente, o centro histórico de Paraty é tombado pelo IPHAN e precisa ser preservado. Além de pedestres, encontramos apenas as carroças, que transitam livremente. Alunos tiraram várias fotos dos cavalos, que pareciam andar mais devagar apenas para podermos vê-los e tirar *selfies*. O centro histórico é bem conservado e, em várias casas, existem floreiras com as mais diversas flores, cada uma com uma cor e um perfume diferente, deixando as casas com um ar mais alegre.



Casas coloniais
Foto: Maira Cavenaghi

A primeira igreja que visitamos foi a Igreja da Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Sua construção começou em 1725 e terminou em 1757. Era destinada aos escravos. É a igreja mais simples, porém muito bonita e conservada. Inicialmente, ficava num local isolado da cidade, hoje fica na rua principal.



Igreja da Nossa Senhora do Rosário
Foto: Maira Cavenaghi

O calçamento fez o grupo tropeçar muitas vezes, pois como falamos antes, as pedras não foram colocadas corretamente depois de retirarem para construir o esgoto.

Seguimos em direção ao mar, para a Igreja de Santa Rita. Ela é muito bonita e está de frente para um mar que parece ser poluído, graça a falta de respeito das pessoas atualmente. É o cartão-postal de Paraty, ou seja, é um local muito conhecido e usado como referencial turístico na cidade.



Igreja de Santa Rita
Foto: Maria Júlia Garcia

Foi aberta em 30 de junho de 1722 para os mulatos libertos. Mulatos são filhos de brancos com negros, que nasciam escravos. Os escravos eram considerados uma mercadoria e, por isso, tinham um preço e podiam ser comercializados. Um escravo podia conseguir a sua alforria (liberdade) se de algum modo obtivesse a quantia necessária para comprá-la ou, se o seu senhor, de livre e espontânea vontade, o libertasse. Se ele fosse libertado, seria um negro, ou mulato, liberto.

Ao lado desta igreja, há um cemitério; íamos entrar para ver por dentro, mas estava fechado. Diz uma lenda que uma noiva morreu pouco antes do casamento e a enterraram nesse cemitério. De manhã, o noivo estava desesperado dizendo que a noiva estava viva e tinha aparecido para ele falando que estava com sede. Mais tarde, abriram o caixão dela e viram que ela estava de lado. A noiva tinha sido enterrada viva! Falam que se você estiver em frente à Igreja Santa Rita à meia-noite, irá ver a noiva vagando à procura de água na fonte em frente à igreja. Muitos acreditam que essa fonte é milagrosa e ela era usada antes para abastecer os moradores e visitantes de Paraty.

A Igreja de Santa Rita é a igreja mais antiga por causa da demolição da primeira versão da Igreja da Matriz. Abriga agora o Museu de Arte Sacra (Arte sacra é o nome dado a toda produção artística qualificada e destinada ao culto sagrado), que estava fechado há quatro anos, mas será reaberto no sábado,

13 de junho, após uma reforma. Que pena que não pudemos visitar, estávamos tão animados! Além da guarda e conservação das coleções de arte, o museu promove a pesquisa e a divulgação do testemunho histórico, cultural e religioso da comunidade paratiense.

Por um tempo, foi a Igreja da Matriz (a principal igreja, onde se concentram as principais atividades religiosas), posição ocupada agora pela Igreja Nossa Senhora dos Remédios. É uma igreja muito bonita e tem muitos detalhes, além de estar inserida em uma paisagem perfeita, não é a toa que é o cartão-postal de Paraty.

Ficamos muito curiosos com a solução para os cavalos não defecarem na rua. É uma espécie de fralda feita de saco plástico amarrada no cavalo e na carroça.

Para chegar à Igreja de Nossa Senhora das Dores, passamos perto do mar e vimos muitos barcos bonitos e coloridos, com nomes criativos, como: Vera Marinha e Calypso.



Barcos coloridos
Foto: Maira Cavenaghi

Finalmente chegamos à Igreja Nossa Senhora das Dores. Essa Igreja era destinada à elite (nesse caso, grupo social formado por mulheres com grande poder econômico. Grupo dominante na sociedade), o que confirma o que já íamos percebendo sobre a sociedade estamental existente em Paraty na época.



Igreja Nossa Senhora das Dores
Foto: Helena Campos

A sociedade açucareira do século XVI e XVII tinha uma estrutura rígida, com pouca mobilidade social. Podemos citar como exemplo disso a existência de uma igreja para cada grupo social. Isso é horrível, todos somos iguais, independente da classe social, da raça, sexo, etc. É triste perceber que essa divisão ainda existe em muitos lugares, inclusive no Brasil! A Exame.com, publicou em 02 de abril de 2015 uma reportagem relatando alguns episódios de racismo: como o caso em que uma funcionária da loja *Animale* (Rua Oscar Freire, Jardins, São Paulo) expulsou um menino negro da calçada em frente à loja, dizendo “Ele não pode vender essas coisas aqui”. Acontece que o menino estava apenas tomando um sorvete enquanto o pai fazia uma ligação no celular e esperava a esposa que estava comprando sapatos! O pai da criança, um americano erradicado no Brasil, Jonathan Duran, por meio de relato no Facebook, fez um desabafo afirmando que “em certos lugares em São Paulo, a pele do seu filho não pode ter a cor errada”.

Os senhores de engenho (proprietários de grandes latifúndios) ocupavam o topo da hierarquia, exercendo o poder sobre sua família e sobre outras pessoas que viviam em seus domínios, sob sua proteção (eram os agregados). Era a chamada família patriarcal (homem é o chefe da família). Sendo proprietários de terras e de escravos, os patriarcas (chefe homem da família) detinham também grandes poderes, econômico e político.

Abaixo deles havia uma camada intermediária, composta de pessoas livres, como religiosos, feitores, capatazes, militares, comerciantes, artesãos e funcionários públicos.

A maior parte da população era composta de africanos escravizados, que formavam a base da estrutura social. Eles eram considerados mercadorias e propriedade dos senhores. Faziam praticamente todo o trabalho na colônia. Os escravos nas zonas rurais não tinham nenhum direito na sociedade e começavam a trabalhar desde crianças.

As mulheres não participavam da vida política e tinham poucos direitos. Sua função limitava-se a cuidar da casa e dos filhos. Ainda bem que agora as mulheres já possuem uma participação ativa no mercado de trabalho e tem direitos políticos, porque somos todos iguais, homens ou mulheres!

Os indígenas quase sempre viviam à margem da estrutura social, apesar das tentativas dos missionários (na maioria jesuítas) de integrá-los à sociedade, por meio da catequese. Quando integrados, geralmente, engrossavam a base social como escravos.

Com a mineração (Ciclo do Ouro, século XVIII), a mobilidade social foi aparecendo. Embora ainda conservasse o seu caráter elitista, a sociedade do século XVIII era mais aberta, menos igual e com uma relativa mobilidade social.

As irmandades também eram uma forma de separação entre camadas (As irmandades são instituições religiosas compostas por leigos que tinham como objetivo ajudar os seus membros e a comunidade). Elas obedeciam a regras sancionadas pela Igreja e tinham as suas contas verificadas anualmente por um dignitário religioso. Estas instituições, que existiam na Europa desde a Idade Média, aparecem no Brasil a partir do século XVIII, em especial na região de Minas Gerais.

A igreja foi projetada para ter duas torres, mas apenas uma foi construída. É a igreja mais nova de Paraty, construída em 1800. Hoje é conhecida como "Capela das Dores" ou "Capelinha". Essa Igreja foi abandonada de 1870 a 1901. De lá temos uma vista maravilhosa do mar e da praia.

Seguimos para a Praça da Matriz, onde fica a Igreja da Nossa Senhora dos Remédios, mais conhecida como Igreja da Matriz. O povoado da cidade se formou ao redor dela. Sua construção original foi destruída. Vimos a construção

que começou em 1787 e terminou em 8 de setembro de 1873, ou seja, demorou oitenta e seis anos para ser construída! Por isso, não é a igreja mais antiga. Foi construída para os pescadores e trabalhadores brancos.



Igreja da Nossa Senhora dos Remédios
Foto: Helena Campos

Na época de sua construção, a igreja começou a inclinar com o peso. Então os seus sinos ficam embaixo. Essa igreja foi à única na qual entramos. O altar da igreja é muito alto e com uma riqueza de detalhes enorme. Já estava decorada para a festa do Divino Espírito Santo, que aconteceria na sexta-feira, 15, para homenagear o Espírito Santo. A festa é realizada no dia de Pentecostes (50 dias após a Páscoa), ela é patrimônio imaterial e no ano de 2014 participaram 8 mil pessoas. Muitas das festas brasileiras são extensões dos dias consagrados aos santos católicos, como por exemplo, as Festas Juninas, que homenageiam São João, Santo Antônio e São Pedro.

Além das famosas festas em homenagem aos santos, como a Festa do Divino Espírito Santo, Paraty também tem um evento chamado Flip. Nele, autores e ilustradores de livros se apresentam em oficinas e projeções de filmes. Para os pequenos, tem a Flipinha, com autores da literatura infantil e juvenil. Esse ano, a Flip e a Flipinha começaram em 2 de julho.



Dentro da Igreja da Nossa Senhora dos Remédios
Foto: Maria Júlia Garcia

Todas as igrejas que visitamos são católicas, pois a religião católica no período colonial era obrigatória. Todas as igrejas de Paraty, menos a da Matriz, são estilo barroco e do século XVIII. O estilo barroco se caracteriza por ser grandioso, com bastante ornamentação e com ricas decorações. A reconstrução da Igreja da Matriz data do século XIX e é em estilo neoclássico (movimento cultural do fim do século XVIII) do lado de fora (dentro tem um pouco de barroco). A arquitetura neoclássica está identificada com a retomada da cultura clássica (greco-romana) por parte da Europa Ocidental em reação ao estilo barroco. A origem do neoclássico do Brasil geralmente é atribuída à **Missão Francesa**.

No centro histórico de Paraty, vimos muita influência da Maçonaria. A Maçonaria é uma sociedade secreta que existe até os dias de hoje. É uma sociedade universal e suas ações são divulgadas apenas para quem participa e, para participar, precisa receber um convite formal e ser treinado por outro maçom.

Os maçons usavam vários símbolos para se identificarem, como os cunhais de pedra formando o triângulo imaginário que representa Deus e outros símbolos maçônicos. Integrantes da maçonaria então saberiam quem mais era maçom, mas as pessoas comuns não. A maçonaria acabou em Paraty no século XIX, com a decadência da cidade.

Os maçons gostavam do triângulo por causa do número 3 (triângulo tem 3 vértices), assim como a Igreja Católica. O motivo de gostarem do 3 é que ele era a “busca da perfeição” porque o 8, por sua vez, era a “perfeição”. Como a maçonaria buscava a perfeição, usavam o 3 e o triângulo.



Cunhal de Pedra
Foto: Maria Júlia Garcia



Símbolos maçônicos em casa colonial
Foto: Maira Cavenaghi

Sáímos do Centro com a sensação de que essa viagem havia sido muito importante, pois aprendemos muitas coisas novas. Algumas expectativas foram cumpridas; como a do Rafael, tinha mesmo uma fonte, e parte das expectativas de Gabriel e Maira foram cumpridas, parecia com Olinda, mas as casas não eram coloridas como a da cidade pernambucana.

Percebemos que o Centro é bem grande, diferente de como a Maira pensava. Diferente de como a Maju imaginava, tinha muitos aspectos coloniais e o Centro era muito perto do hotel. Não havia muitas crianças na rua brincando, como Helena achava que aconteceria. Os carros não circulavam no Centro, diferente do que Pedro tinha ideia.

Conhecer outras culturas foi muito maravilhoso e diferente do nosso cotidiano.

Voltamos para o hotel, almoçamos e nos preparamos para a segunda excursão do dia, o Núcleo Picinguaba, onde andamos de barco no manguezal e conhecemos a praia, restinga e o costão rochoso. Lá nos divertimos bastante e foi um dos melhores lugares no estudo do meio.

De noite dançamos um estilo musical típico da região de Paraty, a Ciranda. Foi uma experiência incrível e a música mais legal foi “Arara”.

A ciranda, conhecida dança de roda, é tradição em diversos cantos de nosso Brasil. Em Paraty, a ciranda que encanta moradores e visitantes reflete a origem cultural caiçara (caiçaras foram os primeiros habitantes das zonas litorâneas das regiões Sudeste e Sul do Brasil, que são a miscigenação entre índios, brancos e negros. Vivem da pesca, da agricultura, da caça, do extrativismo vegetal, do artesanato e, recentemente do ecoturismo) com traços da colonização brasileira (feita pelos portugueses a partir de 1500). Remete às danças europeias de salão e às palmas e batidas indígenas.

Para pesquisadores a música caiçara é uma fusão de estilos que vai dos minuetos trazidos pelos espanhóis aos ritos indígenas e árabes. A tradição, segundo os mestres ou coroas como são conhecidos na região, manda que os músicos cirandeiros formem um grupo dos seguintes instrumentos: viola, rabeca, pandeiro e tamancos, depois foram incorporados outros instrumentos como o violão, o cavaquinho, o adufo e o mancado (caixote de madeira utilizado pelo percussionista para marcar o batuque). O ritmo é criado pelas mãos “calçadas” por tamancos pelo músico que executa o batuque.

Fomos para os quartos muito felizes e com um gostinho de quero mais, já pensando como seria o Quilombo Campinho da Independência que iríamos no dia seguinte.



Ciranda

Foto: Maira Cavenaghi

Referências Bibliográficas:

ARQUITETURA colonial no Brasil. Disponível em:

[http://www.academia.edu/7509066/ARQUITETURA COLONIAL E IMPERIAL NO BRASIL](http://www.academia.edu/7509066/ARQUITETURA_COLONIAL_E_IMPERIAL_NO_BRASIL). Acesso em: 8 de jun. de 2015.

ARQUITETURA BRASILEIRA: arquitetura neoclássica no Brasil I. Disponível em :

<https://arquiteturado brasil.wordpress.com/arquitetura-neoclassica-no-brasil/>. Acesso em 31 de ago. de 2015.

ARQUITETURA BRASILEIRA: o barroco no Brasil. Disponível em:

<https://arquiteturado brasil.wordpress.com/o-barroco-no-brasil/>. Acesso em 31 de ago. de 2015.

BARBOSA, Daniela. 5 casos de racismo que chocaram o Brasil. Disponível em:

<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/5-casos-de-racismo-que-chocaram-o-Brasil> . Acesso em 30 de ago. de 2015.

BARATA-SALGUEIRO, T. Transformação Urbana, In T. Barata Salgueiro e J. Ferrão (coord.). Geografia de Portugal: Sociedade, Paisagem e Cidades, II Volume, Lisboa: Circulo de Leitores, 2005. Pág. 244-258

CENTRO histórico. Disponível em: http://www.paraty.com.br/centro_historico.asp .

[Acesso em: 3 de mai. de 2015.](#)

CENTRO histórico. Disponível em: http://www.paraty.tur.br/centro_historico.php.

[Acesso em: 16 de mai. de 2015.](#)

CIRANDA. Disponível em: <https://cirandacaicaradeparaty.wordpress.com/about/> .

Acesso em: 11 de jun. de 2015.

COISSI, Juliana. De lavoura a bufê, trabalho infantil tem quatro flagrantes por dia em SP. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 2015. Cotidiano, B1.

COMUNIDADES de Paraty. Disponível em:

<http://comunidadesdeparaty.blogspot.com.br/2011/02/origem-do-nome-paraty.html>.

[Acesso em: 11 de jun. de 2015.](#)

FESTA DO DIVINO. Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2015/05/edicao-2015-da-festa-do-divino-deve-reunir-oito-mil-pessoas-em-paraty-rj.html> . Acesso em: 12 de jun. de 2015

IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. Disponível em: http://www.paraty.com.br/igreja_nsremedios.asp . Acesso em 31 de ago. 2015.

IRMANDADES. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$irmandades-religiosas-no-brasil](http://www.infopedia.pt/$irmandades-religiosas-no-brasil) . Acesso em: 11 de jun. de 2015.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MUSEU DE ARTE SACRA. Disponível em: <http://www.m.vermelho.org.br/noticia/265446-11> . Acesso em: 12 de jun. de 2015.

PARATY. Disponível em: <http://www.paratytrindade.com.br/paraty/historico.htm>. Acesso em: 11 de mai. de 2015.

PARATY: cidade Histórica, monumento nacional. Disponível em: http://www.paraty.com.br/cidade_historica.asp. Acesso em: 28 de mai. de 2015.

PARATY : tradição e história no estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/paraty/cidadehistoricadeparaty.html>. Acesso em: 2 de jun. de 2015.

PARATY. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paraty>. Acesso em: 9 de jun. de 2015.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Núcleo Picinguaba

Núcleo Picinguaba

Beatriz

Camila

Dante

João Pedro

Maria Letícia

Raíssa

12/05/2015

Já era o segundo dia em nossa maravilhosa viagem (como passa rápido), acordamos cedo, como o de costume, trocamos de roupa, tomamos café e fomos ao Centro Histórico de Paraty (RJ), como programado. Ao chegarmos ao centro histórico de Paraty, avistamos casas que eram bonitas, coloridas e simétricas. Ao fim desta visita, conhecemos um senhor chamado Jarbas, que nos recitou um lindo poema, marcando nossa memória na viagem.

Após a ida ao Centro Histórico, voltamos ao hotel e almoçamos. Depois deste delicioso almoço, embarcamos no ônibus rumo ao Núcleo Picinguaba, que tem como objetivo principal a interação dos fatores históricos com o estudo dos ecossistemas da Serra do Mar, seu litoral e sua preservação, além da criação de um centro de apoio à pesquisa e educação ambiental. O Núcleo Picinguaba é um dos nove núcleos do Parque Estadual da Serra do Mar (P.E.S.M), localizado em Ubatuba/ SP, com aproximadamente quarenta e sete mil quinhentos hectares, que tem uma grande variedade de fauna e flora que contêm o objetivo de preservá-las.

Antes de chegarmos ao Núcleo, pensávamos que o manguezal, que é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestres e marinhos, uma zona úmida com características de regiões tropicais e subtropicais, era uma coisa chata, que tinha mau cheiro, que era muito lamacento... No entanto, quando chegamos lá vimos tudo ao contrário do que tínhamos pensado, foi uma experiência única e engraçada.

Ao chegarmos vimos uma exposição dentro da casa que é a sede do Núcleo que explicava sobre cada lugar de sua extensão. Essa parte do Núcleo é importante, pois informa aos visitantes sobre a restinga, praia, manguezal e o costão rochoso.

A restinga é a parte pós praia, é um terreno arenoso e salino (com sal), próximo ao mar e coberto por plantas herbáceas (plantas que tem um caule macio, normalmente rasteira).

A praia é uma formação geológica composta por partículas soltas de mineral ou rocha na forma de areia, cascalho, seixo ou calhaus ao longo da margem de um corpo de água; ou seja, uma costa, quer do mar, de um rio ou de um lago.

O manguezal é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e marinho, uma zona úmida característica de regiões tropicais e subtropicais.

Já o costão rochoso é formação rochosa no litoral marinho onde existem muitas cracas.

Após isso, fomos divididos em dois grupos, pois tinha muita gente e não iríamos caber todos no barco ao mesmo tempo. Então, decidimos que um grupo iria ao manguezal primeiro, e o outro `a praia. Por sorte, nós, do grupo Picinguaba do 7º ano B, ficamos juntos e fomos o primeiro grupo destinado ao manguezal.

Lá, ficamos admirados com a beleza de sua flora e fauna, “intensa e densa”, com suas árvores e sua água mansa. Nesse ecossistema estavam presentes espécies variadas, de caranguejos, peixes, insetos e plantas, como

exemplos, havia o mangue vermelho, o mangue preto e o mangue branco, que são denominados assim, entre outros fatores, por causa de sua casca, que, ao cortá-la, exibe um caule que pode ter a cor vermelha, preta ou branca.

A água do manguezal é salobra, ou seja, é a mistura da água do rio com a do mar, fazendo com que ele se torne um berçário natural para várias espécies de peixes.

Quando pisamos no manguezal, sentimos seu solo muito fofo, também era gelado e tinha um cheiro estranho, devido a matérias orgânicas, folhas, galhos e animais que estão em decomposição. Foi uma sensação nova para nós, pois nunca tínhamos pisado num lugar tão diferente do nosso cotidiano.

Antes de entrarmos no manguezal, vimos alguns elásticos no chão que foram usados por caçadores de caranguejos, que entram a noite para caçar escondido dos guardas florestais e amarram os elásticos nos caranguejos para prendê-los e vendê-los. O que é uma atitude extremamente errada, já que essa área é destinada para conservação ambiental.

Após uma corrida de barcos muito divertida feita no manguezal, com nossa participação no remo, seguimos para a praia. Ao chegar lá, vimos o costão rochoso e aprendemos um pouco mais sobre ele, que tinha três partes: infra litoral, que é a região permanentemente submersa; mesolitoral, região submersa durante a maré alta e exposta durante a maré baixa; e supra litoral, que é a região superior do costão rochoso que está permanentemente exposta ao ar e aonde somente chegam borrifos de água do mar.

Para chegarmos ao costão rochoso, tivemos que atravessar o rio, de mãos dadas devido a forte correnteza do mar. Em todas as três partes se encontravam várias cracas e crustáceos, que são pequenos seres encontrados no litoral. Mas, a maioria estava disputando o espaço do infra litoral por causa do contato com a água.

Em seguida, o monitor chamado Goiaba propôs uma brincadeira em que andamos pela praia em busca de seres que estavam mortos fora do mar como águas vivas, estrela do mar, caranguejo, bolacha do mar e outros. Ele dividiu a praia em três diferentes partes: a parte da areia molhada, a parte do centro da

praia e a parte de cima onde originalmente é a restinga.

Voltamos ao ponto de partida (sede do Núcleo) e assistimos a uma palestra dada pelos monitores, onde aprendemos sobre a localização do Núcleo Picinguaba (Ubatuba, SP), sua extensão (8 mil hectares), um pouco de sua história, descobrimos que, devido ao desmatamento, criaram o Parque Estadual da Serra do Mar (P.E.S.M.). O P.E.S.M. foi criado em 1970 com o objetivo de proteger grande área da urbanização crescente e da caça, além de proteger diferentes tipos de ecossistemas. Ecossistema é um sistema onde vivem todas as comunidades bióticas, seres que vivem e interagem em determinada região e pelos fatores abióticos, que atuam sobre essas comunidades (manguezal, costão rochoso, praia e restinga). Quando o Parque foi fundado era administrado pela Secretaria do Meio Ambiente e SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação, é um documento com as leis do Parque).

Aprendemos também que desde 1977, ano que o Núcleo Picinguaba foi inaugurado, ele promove pesquisas e palestras educativas para adultos e crianças, na maioria das vezes, professores e alunos. O Núcleo também promove passeios para turistas, que ajudam a arrecadar dinheiro para a manutenção das unidades de conservação. Entre esses passeios, temos a observação de aves com 540 espécies dentre as 1800 que existem no Brasil. Também estão presentes no Núcleo, oito trilhas e duas comunidades Quilombolas, mas nenhuma recebeu a titulação definitiva.

Após um dia tão cansativo, voltamos ao ônibus, rumo ao hotel. Chegando ao hotel, tivemos cinco minutos na piscina, o que foi muito chato! Queríamos mais! Tomamos banho e fomos jantar. Depois do jantar, jogamos um jogo chamado "mil games em um só" e gostamos bastante dele.

Após o jogo, fizemos a ciranda, que era para ser no Centro Histórico, porém, devido à chuva, tivemos que fazer no hotel. Gostamos muito de aprender sobre a dança, que vem de uma cultura tão diferente da nossa, a cultura caiçara, que é hoje um dos poucos traços visíveis do momento da criação do povo brasileiro.

Depois das atividades, fomos para o quarto, nos arrumamos e fomos dormir, pois no dia seguinte, tínhamos muito mais a aprender.



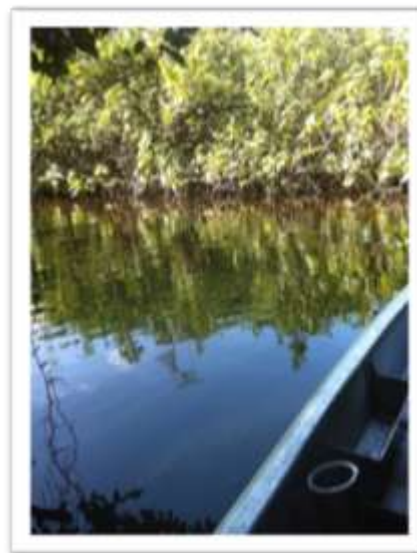
Restinga
Foto: Raissa



Praia da Fazenda
Foto Raissa



Entrada do Núcleo Picinguaba
Foto: Camila



Manguezal
Foto: Beatriz



Praia da Fazenda
Foto: Camila

Quilombo Campinho da Independência

Alice Amaral Cohen
Eduardo Benfica
Guilherme La Laina
Júlia Moraes
Lucca Bakaleiko
Luísa Nunes Mercadante
Roberta Truffi

13/05/15

Hoje é o último dia da viagem, acordamos às 6h30 com as malas prontas, e a saudade estampada em todos os rostos, tanto pela saudade do lugar que deixaríamos, quanto pela saudade de casa. O dia estava chuvoso e meio frio.

Fomos todos tomar café com sono e sem fome, comemos e voltamos para os quartos, para pegar nossas malas e checar se não tínhamos esquecido nada. Reunimo-nos na recepção para uma "revista" em nossas malas de mão para ter certeza que tínhamos toda a roupa extra necessária, em função da chuva que lá fora caía. Entregamos as chaves e levamos as malas para o ônibus, pouco depois embarcamos. O quilombo Campinho da Independência era o nosso próximo destino.

Acomodamo-nos e começamos nosso pequeno percurso. Dentro do ônibus, assistimos a um curto vídeo, que contava um pouco sobre a história dos quilombos em geral, e especificamente, do Quilombo Campinho da Independência. Aprendemos mais sobre sua fundação. O fazendeiro dono das terras que viriam a ser o Quilombo tinha a sua produção distribuída por lugares além de Paraty, já que naquela época a exportação estava em alta. No entanto, Paraty que antes era uma importante cidade portuária e entreposto comercial, passou a ser, novamente, um vilarejo, porque as mercadorias não eram mais

escoadas por Paraty. Assim não tinha mais sentido continuar a produzir, além do contexto histórico estar concedendo a “libertação dos escravos”, e sem saber o que fazer, o fazendeiro doou as suas terras para três de suas escravas, cujos nomes eram Maria Luiza, Antônica e Marcelina.

Mas o que ele não sabia era que queria poderia se arrepender de sua decisão; afinal, entre os anos de 1970-73, a BR-101 ou Rio Santos, estava sendo construída e quando pronta iria passar “na porta” do Quilombo, facilitando o transporte de qualquer mercadoria ou pessoa até Paraty. Assim, o Quilombo passou a ser “reconhecido”, e teria suas terras mais visitadas. Muitas pessoas chegaram ao Quilombo exigindo suas terras e dizendo que aquelas eram propriedades de seu bisavô, travando uma disputa por terras que duraria muitos anos. Depois de muito tempo de batalha, os quilombolas conseguiram sua posse e a titulação definitiva de seu território.

Depois do vídeo tivemos um pouco de tempo livre e ficamos conversando até chegar. Quando chegamos, caminhamos um pouquinho e chegamos a "sede" do quilombo, onde fica o restaurante e a sala de palestra. Ocasionalmente, o jongo acontece naquele local também. O Quilombo Campinho da Independência se localiza na Rodovia Rio Santos entre Ubatuba e Paraty, no Km 584 da BR-101.



Restaurante do Quilombo Campinho da Independência no andar térreo e a sala de palestra no primeiro andar.

Foto: Eduardo Benfica.

Dirigimo-nos ao andar de cima por uma escada muito íngreme e estreita onde assistimos a uma palestra feita por duas líderes da comunidade, sendo uma delas, a griô. Interessante pensar nessa comunidade. A palavra comunidade começou a ter sentido na pré-história, quando ainda não haviam diferenças sociais. Homens e mulheres viviam em grupo, para facilitar a caça, a sobrevivência e a locomoção dos poucos pertences. Eles eram chamados de nômades (indivíduos que não se fixavam, iam para onde tinham melhores condições de vida). Diferente das comunidades de hoje em dia, que geralmente são junções de grupos constituídos por mulheres, homens e crianças, que podem ter em comum os interesses religiosos e culturais. A comunidade também tem um conceito importante, de se ajudar.

No quilombo, a comunidade tem laços de interdependência. Os principais meios de arrecadação de renda, são o artesanato e o restaurante. O quilombo é como uma bicicleta que precisa de suas rodas para andar e de alguém para conduzir. Nesse caso, o restaurante são as rodas e o artesanato é a pessoa conduzindo. Esses meios de produção e renda abastecem a comunidade e são feitos em conjunto por toda ela. O trabalho no restaurante é revezado e o artesanato é feito por todos (que tem a habilidade), mas todos ajudam de algum modo.

Sentamos encostados embaixo das grandes janelas de madeira, apenas cobertas com panos floridos nomeados chitas, colocadas sobre as altas paredes também feitas de madeira. A Laura e a griô chegaram para começar a palestra. A griô é a pessoa responsável por fazer “as chamas de sua cultura continuarem acesas”, afinal, ela é o que podemos resgatar, como história oral, daquele período. Ela era muito tímida, falava baixo e tinha alma e corpo de criança, um amor de pessoa. Diferente da Laura que já era mais extrovertida, falava mais alto, mas também era um amor de pessoa, na verdade, ela é uma professora porque nos ensinou muito. Pegamos nossos cadernos, celulares, câmeras e filmadoras para ter certeza que nenhum material iria faltar para o nosso documentário, ah esquecemos de mencionar que iríamos fazer um documentário? Pois bem, além do documentário tínhamos muitos outros

trabalhos para a escola em relação ao estudo do meio, então não podíamos perder uma gota do conteúdo.



**Laura e a Griô, na sala de palestra do Campinho da Independência.
Foto: Eduardo Benfica**

Elas esclarecerem muitas dúvidas, falaram bastante e estava tudo muito bom e interessante, tirando um pequeno contratempo que ocorreu. Como havíamos dito o dia estava muito chuvoso e as janelas do andar onde estávamos eram muito amplas como todo o resto do lugar; e então, houve um momento em que a chuva aumentou e começou a encharcar todo o interior da "sala", fizemos um esquema alternativo com as cortinas que até que deu certo.

Mas, como estávamos dizendo, elas explicaram melhor como funciona a estrutura da comunidade, como eles se sustentam e explicaram-nos sobre a situação religiosa da comunidade, que foi quando, finalmente, entendemos que a religião que eles seguem é a católica (até tem uma igrejinha perto de sua escola), mas com influência africana, é uma mistura. Lá eles também tem a liberdade de escolha de sua religião e não serão rejeitados, por isso também há a presença da religião evangélica. Mas, a católica é a mais comum. Foi incrível conhecer outro tipo de cultura e um modo de vida completamente diferente dos nossos. Na verdade, se formos comparar, são inúmeras as diferenças, o fato de a escola ser dentro da comunidade é um deles.

Após a palestra, dançamos o jongo, uma dança típica de lá, que tem origem africana, mas claro, adaptada... Para dançar o jongo as meninas colocaram saias floridas que iam até o pé e faziam um belo movimento quando

rodadas. Chegaram alguns outros membros da comunidade, entre eles, homens com tambores e mulheres com saias como as nossas. Formamos uma roda e os tambores começaram a tocar, numa melodia que nunca ouvimos antes.



**Apresentação do Jongo na sala de palestra do Quilombo Campinho da Independência.
Foto: Gulherme La Laina**

A Laura começou a cantar uma música que era mais ou menos assim:

"O gente nasci na Angola
Angola que me criou
Eu sou filho de Moçambique
MEU DEUS DO CÉU (todos diziam)
Eu sou negro sim sinhô
Lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê
O gente nasci na Angola
Angola que me criou
Eu so filho de Moçambique
MEU DEUS DO CÉU (todos diziam)
Eu so negro sim sinhô
Lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê, lêê
Eu vim da Angola
E vou para Angola
Eu vim da Angola
E vou para Angola
Eu vim da Angola
E vou pá Angola [...]"

A dança era bem contagiante, mas no começo ficamos com muita vergonha, todos estávamos meio travados, até que começamos a nos soltar e ficou bem mais divertido. Vera, a nossa professora de Ciências, estava super animada, e a equipe de produção da FOX, que estava fazendo uma espécie de documentário sobre restaurantes de estrada, também.

Quando, infelizmente, o jongo acabou, as meninas tiraram as saias e todos nós pegamos as mochilas e guardamos o material de anotação e os celulares. Descemos com cuidado a escada e fomos avisados de que iríamos fazer um tour pela comunidade do quilombo. Animados, começamos a caminhada!

Logo que saímos da sede do quilombo, avistamos algumas árvores de pequeno porte que cheiravam a manga, mas na verdade, eram um tipo de pimenta que se chama Pimenta Rosa, uma planta muito interessante, que tem um grande valor medicinal, ela é o que chamamos de erva medicinal, as suas folhas (que são o que traz o cheirinho de manga a árvore) quando preparadas corretamente, são usadas para fazer chás que ajudam em muitos problemas de saúde, e suas sementes, são utilizadas como tempero.



Pé de Pimenta Rosa
Foto: Eduardo Benfica

A própria pimenta também preparada corretamente é usada para um tratamento do câncer de próstata. Ficamos impressionadas como uma plantinha pode dar tanto a nós. Nós que moramos na cidade grande, infelizmente, acabamos nos distanciando desse tipo de conhecimento... Uma grande perda! Continuamos a nossa caminhada e encontramos algumas crianças da comunidade no caminho, além de ver algumas de suas moradias.

Encontramos o Bixa Orelha, ou como mais conhecido, o Urucum. Paramos e demos uma boa atenção a ele. Pegamos alguns e começamos a nos pintar com a forte coloração de suas sementes, também nos mostraram o

corante em pó feito do Urucum, tiramos muitas fotos e percebemos o que poucas pessoas perceberam, as belas flores do Urucum.



Pé de Urucum
Foto: Eduardo Benfica.

Continuamos a nossa caminhada e, finalmente, avistamos o famoso campinho, que deu origem ao nome do Quilombo Campinho da Independência. Ele é amplo mas não muito amplo, ótimo para uma boa partida de um jogo de futebol e não era muito diferente de qualquer outro campo, tinha um gol em cada extremidade, e bem era ao ar livre. Antigamente, no Quilombo, os adultos tinham um campo só deles e não deixavam as crianças jogar, causando muita chateação em todos. Depois de muita reclamação para as pessoas que usavam aquela área para trabalho, conseguiram livrá-la das máquinas e abrir um espaço para formar um campinho, onde as crianças poderiam brincar livremente. Daí o nome Quilombo Campinho da Independência!

Logo depois fomos à loja de artesanato e compramos coisas lindas, lá havia brincos, colares, cestas, camisetas, pulseiras, instrumentos, e até tapetes! Foi demais. Porém, a essa hora já estávamos morrendo de fome e queríamos voltar ao restaurante e comer a tão esperada feijoada. Voltamos meio correndo porque tínhamos um cronograma a seguir, e estávamos com fome! Chegamos e nos acomodamos nas mesas, havia só um detalhe meio chato, o fato é que a equipe da FOX como já havíamos mencionado estava lá gravando um programa e quando estavam filmando nós tínhamos que ficar em um silêncio absoluto, mas enfim... Nos servimos e começamos a comer a “comentada” feijoada, que faz jus ao seus adjetivos que, primeiramente ouvidos, parecem exagerados.

Terminamos a feijoada meio apressados e fomos avisados sobre a nossa última oportunidade de ir ao banheiro, antes de ir para o ônibus e começar a volta à São Paulo. Fomos ao banheiro nos despedimos da Laura e do pessoal e voltamos ao ônibus. Nossa jornada de volta a São Paulo começava. Sentamos no ônibus e pegamos a estrada. Todos estavam cansados e não aguentávamos mais escrever, sair ou entrar do ônibus. O Goiaba nosso monitor pôs os Vingadores para assistirmos, mas quase ninguém assistiu, todo mundo capotou (estávamos com muito sono).

Um tempo depois fomos acordados pela Palito nossa outra monitora, havíamos chegado a Vaca Preta, um restaurante que tinha na estrada. Foi uma parada rápida de 20 minutos, pegamos algo para comer, fomos ao banheiro e tiramos algumas fotos com a vaca que ficava para exibição ao lado de fora do restaurante.

Voltamos ao ônibus, e depois de algum tempo começamos a jogar um jogo meio banal, mas divertido, com perguntas bobas sobre a viagem, e um jogo de completar músicas. Enfim, coisas desse tipo para passar o tempo. Mas não demorou muito até chegarmos. A nossa viagem havia acabado. Meio tristes começamos a ser chamados pelo Goiaba em um microfone no ônibus e, um por um, fomos indo embora.

Sáímos do ônibus procurando por nossos pais, e pensando em que grandes, boas, tristes, engraçadas, bizarras e, um tanto científicas, seriam as recordações que havíamos adquirido. Era isso, Paraty tinha ficando para outras pessoas agora.